

"Minha terra tem Palmares": gestão pública, literatura e reescrita da História

Mônica de Aquino¹

Em seu famoso ensaio “Sobre o conceito da história”, o pensador alemão Walter Benjamin, a partir de um quadro do pintor Paul Klee, intitulado *Angelus Novus*, nos apresenta um novo personagem, uma figura de pensamento, segundo ele define, como uma espécie de síntese da história do progresso na cultura ocidental: o anjo da História. (1994, p. 226) Com o rosto voltado ao passado, arrastado irresistivelmente para o futuro, onde nós vemos, ao olharmos para o tempo do mundo, uma longa cadeia de acontecimentos, ele vê uma única catástrofe, uma sucessão de tragédias que acumula ruínas. Ele gostaria de deter-se e intervir, de cuidar do sofrimento, velar os mortos, mas permanece paralisado: só consegue testemunhar o acúmulo, com horror.

Porque intervir, talvez, fosse voltar às próprias asas e à possibilidade de voo (no que elas nos remetem, aqui, à esperança), para ver de outra perspectiva. Participar, então, seria, quem sabe, e em primeiro lugar, parar. Parar para poder olhar. Para só então, rimar olhos e mãos.

Salto para outros anjos, os dois que observam a cidade e as pessoas no belíssimo filme *Asas do Desejo*, dirigido pelo também alemão Win Wenders – filme confessadamente inspirado, entre outras coisas, no anjo da História de Walter Benjamin. O que eles veem, ao contrário, já não é a massa entre disforme e uniforme dos grandes feitos e conquistas, das derrotas e massacres da história, mas as pessoas em sua vida cotidiana. Eles ouvem os pensamentos, eles se aproximam, eles sentem que é essa, a coleção de fatos das vidas diárias, a grande matéria da vida.

O que conversariam estes anjos que tento aproximar nesta página? Entre a grande história vista de forma panorâmica e a matéria delicada do dia a dia, misturando as duas tramas, o que eles veriam e escutariam? Que História poderiam nos contar, agora?

¹ Mônica de Aquino Oliveira Assunção é escritora, doutora em Estudos Literários com ênfase em criação literária (UFJF), mestre em Literaturas Modernas e Contemporâneas (UFMG), especialista em gestão de projetos editoriais e de responsabilidade social e graduada em Direito (UFMG). É também analista na Receita Federal.

Invento aqui este pequeno coro, como uma estratégia para pensar a Administração Pública, em seu papel de transformar o país, de torná-lo melhor para todos nós, seu povo, de promover justiça social e desenvolvimento comum. Estratégia: palavra de origem grega que soma *stratos* (exército) + *ago* (liderar, comandar). Estratégia seria a arte do general, que vê do alto a batalha e pode ter, assim, uma visão panorâmica que propiciaria melhores decisões. É, entretanto, sempre distante esse olhar, incapaz de perceber o dia a dia da vida e das lutas. Olhar superior, sem acesso aos detalhes, como já foi também (e tantas vezes ainda é) o olhar da história. Como já foi e continua sendo, em tantos contextos, o olhar dos órgãos estatais e da gestão pública, sobretudo a de seus administradores dos estratos mais elevados.

Mas é preciso estar no meio dos acontecimentos e sentir seu torvelinho. É preciso observar mais de perto as pessoas e os fatos, as escolhas, as necessidades, os conflitos. Há assim, uma outra estratégia, complementar, fundamental, que implica colocar-se perto e ao lado, para ouvir e atuar. Ao invés da perspectiva panorâmica e da altura elevada com que se vê normalmente as coisas, talvez fosse interessante inclinar-se em direção ao chão e às coisas pequenas, aos eventos menores e às ações rotineiras. Inclinar, nos lembra a filósofa italiana Adriana Cavarero, é um gesto ao mesmo tempo ético e político: é atenção e cuidado, humildade e interesse real pelo que se passa a nossa volta.

Uma Administração Pública eficiente e transformadora precisa conhecer as pessoas, a História, o país. Nesse sentido, e pensando em demandas coletivas recentes, como a diversidade, a equidade de gênero e a justiça racial, o serviço público tem promovido diferentes iniciativas, como comissões, grupos de trabalho, regulamentos. O que esta comunicação defende é a importância de, junto a esse processo, como uma espécie de base e de fundamento, promover capacitações, especialmente voltadas à alta gestão, que muito além de aspectos práticos, sejam capazes de reapresentar o país a partir de novas lentes, para que a construção de uma sociedade mais justa esteja realmente introjetada, de forma sensível, em cada gestor, e oriente seus atos, como um espécie de horizonte final e mais amplo, além das tarefas específicas de cada instituição. Dentro desse contexto, a literatura (e a arte, a cultura) podem ser grandes aliadas, ao falarem também às sensibilidades, com esse acesso muito específico à psiquê e às consciências.

Trago uma outra historiadora para esta conversa, a francesa Arlette Farge, em sua profunda (e amorosa) pesquisa de arquivos, tentando, a partir deles, ver e perceber o que tantas vezes, fica oculto na grande narrativa histórica. “Em geral, o arquivo não pinta os

homens por inteiro; ele os arrebatava de sua vida cotidiana, cristaliza-os em algumas queixas ou em denegações lamentáveis, espetados como borboletas de asas vibrantes (...)” (2009, 32), ela escreve no livro *O Sabor do Arquivo*. A literatura, por outro lado, pode nos ajudar a ver de novo o voo das histórias múltiplas que saltam dos arquivos e da história oficial, de forma surpreendente e provocativa, ajudando-nos a conhecer o país para o qual trabalhamos – e que, por isso, precisamos, cada vez mais, (re)conhecer.

Chego, aqui, ao título desta Comunicação, ao tomar o trabalho do escritor modernista Oswald de Andrade (um dos criadores da Semana de Arte Moderna de 1922), como exemplar do que quero conversar, hoje, com vocês. Penso no poema “Regresso à minha pátria”, do livro *Poesia Pau-Brasil*, de 1925, em que ele parodia a famosa “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, com seus muito conhecidos versos ensinados nas escolas, alguns incorporados ao hino brasileiro e que fazem parte do imaginário nacional.

“Minha terra tem palmares”: este é o primeiro verso do poema de Oswald de Andrade (2017, p. 101), que quer agora regressar não a uma terra idílica, marcada por bosques e céus estrelados, plantas imperiais e aves raras, mas a uma vida concreta e histórica, em que se exalta, além de ouro e terra (uma terra que, agora, tem mais terra), uma história de coragem e heroísmo que deve ser reconhecida e admirada como herança coletiva: a história do quilombo dos Palmares, território negro e livre que existiu no Brasil, onde hoje está o estado de Alagoas, no século XVII, exemplo de resistência à escravidão, essa ferida aberta que ainda não fomos capazes de estancar plenamente, porque falta enxergá-la em seus múltiplos impactos, que seguem ecoando ainda hoje.

Se em “Canção do Exílio”, que começa com os famosos versos “Minha terra tem palmeiras/ onde canta o sabiá”, Gonçalves Dias lamenta a perda de paisagens nacionais, Oswald de Andrade, ao contrário, concentra o seu primeiro verso nas pessoas e na História - no que salta e brilha a partir dela, como uma conquista. Um país agora único não pelas palmeiras, mas porque teve o quilombo dos Palmares – e tudo o que ele representa, e tudo o que podemos desvelar a partir dele. Olhar para a própria História, pensá-la, reescrevê-la: aspecto fundamental quando se trata da defesa da igualdade e da diversidade. O poeta, reparem, muda apenas umas poucas letras na frase-verso: mas esse deslocamento é tudo, revela consciência política e desejo de outro entendimento, remexe com estruturas profundas da vida e do imaginário sobre o país, a ideia que temos da nação e seus valores.

A história a que temos acesso é, em regra, a história escrita pelos vencedores, Walter Benjamin nos lembra, enquanto adverte: a tarefa do verdadeiro historiador é escovar a história a contrapelo, o que significa contá-la de uma outra forma, olhando para a história dos vencidos, interrompendo a continuidade cega dos acontecimentos. “Os que num dado momento dominam, são herdeiros de todos os que venceram antes” (1994, p. 225), ele também nos recorda, mostrando como a empatia, nesse sentido (e numa espécie de movimento inercial) tende a continuar com os vencedores. Por isso, é preciso olhar para a História e para nossa vida diária com mais atenção, desde outros ângulos, de forma mais próxima, tendo também a emoção como método: só assim conseguiremos, efetivamente, promover uma vida coletiva mais justa.

Emoção: palavra tantas vezes vista de forma distorcida, como força menor diante da razão, esse paradigma artificial e excludente em nosso contexto ocidental tantas vezes marcado por excessos de ordem e de vestígios vivos da cultura patriarcal. Volto a Arlette Farge, que me ajuda neste ponto, ao comentar um dos seus mais famosos trabalhos: “Em *La Vie Fragile*, há efetivamente uma passagem de algumas páginas sobre a emoção (...). Quando o livro foi lançado, em 1986, nós não éramos muitas, nós, mulheres historiadoras, na França. Ir para os lados do sensível, falar que você trabalha a partir de uma emoção, isso era muito perigoso, pois significava ir para os lados do feminino. No entanto, conduzi pesquisas linguísticas sobre o que esconde o termo 'emoção': suas ligações com a palavra 'mover', 'mover-se', motim.” (FARGE apud SCHULMANN, 2020, p. 130)

Apresento esse trecho da historiadora em uma palestra magna que faço para o encontro presencial da Comissão da Mulher, da Equidade, da Diversidade e da Inclusão da Receita Federal, de que faço parte. Dou à palestra sobre liderança feminina o subtítulo “Encontrar novas palavras, criar métodos novos” em diálogo com o livro *Três Guinéus*, da escritora inglesa Virgínia Woolf. O livro que transita entre a ficção e o ensaio é uma longa carta em que a protagonista, espécie de alter ego da escritora, responde a um advogado que às vésperas da Segunda Guerra Mundial, e como integrante de uma associação pacifista, solicita uma doação à personagem. A pergunta que acompanha o pedido – como, em sua opinião, vamos evitar a guerra? – é respondida ao longo de mais de 200 páginas, em que a protagonista analisa o mundo da época, em especial a vida e a participação das mulheres, para, ao final, concluir: “o melhor que podemos fazer para ajudá-lo a evitar a guerra não é repetir suas palavras e seguir seus métodos, mas encontrar novas palavras e criar novos métodos.” (2019, p. 153) É tentando fazer esse esforço que, tantas vezes, volto à

etimologia: para tentar ouvir melhor o que as palavras têm a nos dizer, com toda sua polissemia e história. Uma tarefa que tem sido, muito além do trabalho estético, uma tarefa da arte e da literatura.

Nessa mesma palestra, começo pelas palavras mais básicas para pensar a liderança exercida por mulheres: homem; mulher. Volto ao dicionário. Vou à filosofia, à prosa, à poesia. Apresento um breve panorama das nossas conquistas legais e sociais, ainda tão recentes, ainda em disputa, para que a gente saiba, para que a gente se lembre: a igualdade é ainda um processo, e mesmo a igualdade formal só foi reconhecida com a Constituição de 1988. Muito do que aprendemos na escola, nós que temos, aqui, a grande maioria, mais de 30, 40, 50 anos, tem sido reposicionado e repensado, a partir de um olhar mais crítico e diverso. É fundamental retomar a história, quando falamos em promoção da diversidade. Entendo que é fundamental, também, retomá-la a partir de novas palavras e de novos métodos, tendo a emoção e a sensibilidade como aliadas. É o que tento fazer, ao juntar à minha fala a poesia e a ficção – essa forma tantas vezes mais profunda de falar da realidade.

Novas palavras, novos caminhos e estratégias. Quando penso na presença das mulheres na gestão e de todo o seu benefício coletivo, ao trazer à cena e ao primeiro plano novas perguntas, necessidades, perspectivas, não consigo deixar de pensar, também - quando considero o já tão comentado telhado de vidro que tem impedido nosso crescimento e participação -, no *Manifesto Feminismo para os 99%*, proposto por Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser: "Nossa resposta ao feminismo do faça acontecer é o feminismo impeça que aconteça. Não temos interesse em quebrar o telhado de vidro enquanto deixamos que a ampla maioria limpe os cacos. Longe de celebrar as CEOs que ocupam os escritórios mais luxuosos, queremos nos livrar de CEOs e de escritórios luxuosos. Afinal, diferentemente de posições neste sistema perpetuador de desigualdades, o que precisamos é de procurar palavras novas e seguir métodos novos."

A promoção da presença de mais mulheres na liderança e, de forma extensiva, de mais pessoas negras, de mais grupos diversos e que representam minorias, traz, assim, esse impasse: como fazer dessa ascensão não um novo modo disfarçado de assimilação – e de perpetuação de desigualdades – mas uma real forma de transformação? Sem que haja uma resposta absoluta para essa dúvida levantada, de forma provocativa e performática, pelo manifesto, acredito que um ponto central é a capacitação constante dos gestores, em especial da alta gestão, para fomentar uma visão crítica que possibilite não só a entrada

de novos grupos no poder, mas de novas formas de ver e de perceber o mundo – e de, com isso, transformá-lo. Método, em sua origem etimológica, significa caminho. Novos caminhos, é o que queremos. Para que a diversidade de representação no poder, diante do risco de assimilar a uma visão majoritária esses novos gestores, consiga dar o giro necessário, aproximando a Administração Pública da sociedade.

Novas palavras, métodos distintos e divergentes, novas perspectivas e desafios, um modo também mais sensível e menos anestesiado de apreender o mundo é o que a arte e a literatura tentam nos oferecer.

Ainda uma vez uma citação. O filósofo italiano Giorgio Agamben, um dos principais pensadores da atualidade, define a contemporaneidade como “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias.” E completa: “Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.” (2010, p. 59) Ver assim, implica manter alguma distância, jogar com a escala, dar um passo ao lado, estranhar a realidade. Dar a ela perspectiva. Contemporâneo é aquele que é capaz de ver não apenas a luz, mas a sombra do seu tempo. Ele, então, se aproxima, participa da vida, faz dessa sombra, uma nova matéria – um ponto de transformação.

Imagino agora que o anjo da história, finalmente, consegue escapar do vento do progresso que o impele para frente, sem pausa. Ela dá um passo ao lado e pode, de repente, ver tudo o que passa de um outro prisma; pode recolher restos, ruínas, histórias. Talvez componha com elas. Observa os detalhes: outra narrativa da vida abre-se a ele, agora. Enquanto isso, os anjos de Win Wenders entram no turbilhão: é preciso também, sujar-se, é preciso, diretamente, sentir. Emoção é movimento, eles sabem. Emoção é motim, é dissenso e transformação.

Ser um líder, um gestor que mais do que tarefas técnicas, seja capaz de contribuir para o crescimento e a justiça do país, também impõe movimento, também impõe esses dois movimentos: não como anjos, mas como homens entre os homens. Ou como mulheres. Com novas palavras e gestos.

Como uma deriva final deste trabalho, me permito uma inflexão mais pessoal: além de servidora pública há muitos anos, além de doutora em estudos literários, sou, também, escritora, fundamentalmente, poeta. Quero encerrar esta fala com um poema do meu mais recente livro, "Tomar parte no enxame", em que dialogo com a poeta estadunidense Adrienne Rich para propor, a partir dela, uma poética que é, também, uma ética da escrita. Percurso que convido vocês a ouvirem, aqui, de forma ampliada, como uma ética da atenção e do cuidado que deve ser, também, a ética da gestão pública.

Tramar os cabelos

a partir de Adrienne Rich

Digamos que você queira escrever
sobre o que acontece no seu país
é bom saber como são as pessoas
que vivem nele –
como se movem, em que acreditam
como envelhecem
como recebem o dia e a noite
como é a vida das crianças
com o que brincam, quando começam
a esquecer a rua da sua infância
quem são seus deuses
e do que se descuidam
com o que sonham
o que negam e dissimulam
Tudo o que, inumerável
e invisível
chega até você:
sob que luz escreve agora
que ângulo do mundo exterior
se projeta na casa
qual a sua ideia de casa
ampliá-la, voltar: tocar de novo
o magma dos dias
misturar-se,
submeter-se
estranha e próxima
– assim escrever sobre seu país
como quem o reconhece
(ou inventa) lentamente
entre concentrada e displicente

Escrever como uma mulher
que trança os cabelos
olha a idade dos fios, sua espessura
(e vê todas as outras mulheres
e homens)
como quem cruza as mechas
olha a rua e quem passa

trançar as palavras
como quem trama os cabelos
você tem de saber estas coisas

Bibliografia:

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Trad: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANDRADE, Oswald de. Poesias Reunidas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AQUINO, Mônica de. Tomar parte no enxame. São Paulo: Fósforo Editora, 2026.

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. Feminismo para os 99%. Trad: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em <<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/04/Feminismo-para-os-99-um-manif-Cinzia-Arruzza.pdf>>

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FARGE, Arlette. O Sabor do Arquivo. Trad: Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SCHULMANN, Clara. Cizânias: vozes de mulheres. Trad: Lúcia Monteiro. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2022.

WOOLF, Virginia. Três Guinéus. Trad: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.